

## A atitude da Organização Operária perante as manifestações republicanas contra a reacção conservadora

Promovido pelo Comité de Defesa da República realiza-se hoje na Praça do Comércio um grande comício de protesto contra a farcada que constituiu o julgamento decorrido há dias na "Sala do Risco". A nossa opinião acerca desse julgamento já foi expressa nas colunas de *A Batalha*: é de repulsa pela troça, pelo véxame que alguns generais, em nome dum exército que afinal não os acompanha, lançaram à face de todos aqueles que em Portugal acalentam um ideal de Liberdade.

A decisão dos julgadores da Sala do Risco foi uma afronta — mais do que uma afronta, foi um desafio. Ali se insultou tudo quanto não estivesse de acordo com os princípios rígidos da monarquia ou do militarismo brutal. Condenaram-se todos os princípios de Liberdade, todos os ideais políticos que inscrevessem na sua bandeira a palavra Liberdade. Teceram-se largos elogios à reacção conservadora, aos regimes de Rivera e Mussolini que vêm esmagando as classes trabalhadoras da Espanha e da Itália. E para ferirem o operariado no que él tinha de mais querido, escaram sobre *A Batalha* uma calúnia monstruosa, afirmando que ela — sempre generosa para com o adversário — preparava e gratificava um atentado contra um homem que foi um carrasco da classe ferroviária. O tribunal absolveu os homens que confessaram ter pegado em armas para destruir esta democracia vésiga que por si arrasta e substitui por um regime pior de ferreia ditadura, que destruisse a Organização Operária que eles temem, derrubasse alguns princípios basilares da república e desse largas as ambições desenfreadas das "fôrças vivas". O tribunal, absolvendo esses reus, condenou a república, condenou a ideia de Liberdade, condenou a organização operária — proclamou em princípio a ditadura militar.

Contra essa guerra que, sendo declarada à república, por tabela nos atinge também, embora não sejam republicanos, protestamos energeticamente, continuamos a protestar. É-nos simpático, portanto, o comício que o Comité de Defesa da República hoje realiza; é-nos simpática a manifestação que se quer levar a efeito, não pelo seu significado republicano que repudiamos, mas pelo seu aspecto de combate às fôrças reacionárias que nos querem subjugar. Com a rude franqueza que nos caracteriza, declaramos que o carácter republicano da manifestação não nos permite colaborar com qualquer Comité de Defesa da República. Do actual regime tem o operariado recebido muitos e duros agravos para esquecer os súbitamente, ir, de braço dado com os que tanto o têm molestado, dar vivas à república. O povo trabalhador tem aspirações mais latas e delas não

abdicado. Combate a reacção. Os republicanos combatem-na também! É natural, portanto, que os operários se encontrem pela fôrça das circunstâncias lutando contra o mesmo inimigo, embora os objectivos sejam diversos. Mas o facto das fôrças republicanas coincidirem em trilhar o mesmo terreno que o operariado trilha neste momento, não implica compromissos, nem colaborações que prejudicariam a nossa independência e tornaria incoerente a luta que de futuro se deve travar inevitavelmente com os nossos vizinhos de armas de agora.

Desejámos que o comício e a manifestação de hoje fôssem imponentes? Desejamos, desejamos porque essa imponência ferirá o inimigo reacionário que nós combatemos. Não aconselhamos, por isso, o operariado a faltar às manifestações de hoje, porque estorváriam uma acção que nos aproveita. Mas também não aconselhamos o operariado a colaborar oficialmente, ostensivamente com aqueles que amanhã podem mandá-lo fusilar ou deportá-lo para a Guiné, como aconteceu após o movimento abrilista.

Somos contra a reacção, somos contra a ditadura militar que espera na sombra o momento propício para nos estrangular, estaremos em todos os terrenos onde se fira o combate ao inimigo, o que não somos é republicanos — pretendemos mais alguma cosa.

**As duas da madrugada, uma numerosa orda de polícia invadiu-nos a sede e praticou uma verdadeira «razia» nas dependências dos organismos operários aqui instalados.**

**Alguns policiais vinham exacerbados pelo álcool e, ferozmente, partiram mobília, quadros, uma máquina multiplicadora, arrombaram gavetas e rasgaram e espalharam pelo chão papéis de expediente e dinheiro.**

**Por fim, na sua fúria de apaches, piores do que quantas «legiões vermelhas», enxovalharam o contínuo com chufas e ameaças.**

**A busca foi feita à porta fechada, não consentindo que alguém a assistisse.**

**Ao canibalismo não escapou A BATALHA. O seu director foi ameaçado de «pagar tudo muito em breve».**

Se procuram amedrontar-nos, enganam-se!

**«A Batalha» não transige com bêbados, nem com «apaches»!**

Ao sr. Domingos Pereira, à sua fingida santidade, perguntamos: Onde está o direito de inviolabilidade da casa do cidadão?

Devemos continuar a consentir que nos devassem, revolvam e escangalhem o que é muito nosso?

Ou querem que usemos do direito que a constituição da república nos garante, armando-nos para nos defendermos?

Pois bem: Por hoje e porque, escrevendo não daremos uma pálida ideia da violência cometida, convidamos a população honesta do país a vir observar, com os seus próprios olhos, a bela obra da polícia, sob os auspícios do governo democrático do sr. Domingos Pereira.

**O povo de Tolosa reclama a posse dos baldios a que tem direito**

Ao senhor ministro da Agricultura: O povo de Tolosa, pequena e pobre povoação do Alto-Alentejo, de novo volta a entusiasmar-se com a divisão do seu baldio, que é seu e só seu, solicitando para isso a eficaz intervenção de V. Ex.º para que se digne mandar-lho, sem delongas nem subterfúgios, dividir equitativamente por engenheiros do governo.

O povo de Tolosa vive a vida miserável por falta de terra, — da terra que lhe pertence e que tentam roubar-lhe apoderando-se dum património e dum tesouro que lhe érpora legados por certas entidades em tempos idos, como provaremos com o extracto abaixo do Jornal "O Libertador".

Há em Tolosa e em Gafete, duas terras quase irmãs por ficarem pouco mais de dois quilômetros uma da outra, certos malastrins que, não contentes com os grandes roubos de terras, gados e alfaia agrícola que eles e os seus maiores fizeram e estão fazendo a estes dois povos escravizados ao mais alto grau, infelicitando-os e explorando-os, matando-os de fome e desfazendo-lhes suas filhas, tentam ainda, como complemento desta obra negrada e miseranda, roubar o baldio ao povo de Tolosa, como roubaram o de Gafete, quando é certo que a razão e a justiça estão somente do lado do povo!

Eis o extracto:

«Muito se tem falado no aproveitamento e cultivo dos terrenos baldios e de pouso sem que até hoje tenha sido apresentada uma solução que satisfaça amplamente o ponto de vista nacional e que seja a mais consentânea com os interesses e as necessidades da população.

Os decretos 4.812, 6961, 7.127, 7.933 e outros, tentaram regular o assunto mas quando se tratou de os pôr em prática logo surgiram dificuldades, a maior parte das quais propostadamente fomentadas e dirigidas por velhos caciques eleitorais, inimigos inermeis do regime, que vivem a sombra de preconceitos estabelecidos e que a todo o transe retêm com mãos adunca, direitos e regalias usurpadas ao Povo.

Urge acabar com este estado de coisas. Há necessidade de intensificar a produção agrícola, acabando de vez com os entraves fomentados por quem quer que seja e ponto em cultivo mais útil à população e mais consentânea com as riquezas e prosperidade do Povo tóda a nossa terra de baldio e de poucos longos.

O segur é o secretário geral do governo civil quem sofre a investida. Não sabe o que se passa mas deixa-se levar no coro geral arrastando consigo o governador civil substituto a quem as insinuações do velho senhor feudal também conseguem empolgar.

Redação, Administração Tipografia  
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar  
LISBOA - PORTUGAL  
TELEFONE 539 TRINDADE  
Oficinas de Impressão e Esteriótipa  
RUA DA ATALAIA, 114 e 116  
Este jornal não se publica às segundas-feiras.  
Não se devolvem os originais. - Dos artigos publicados, defende-se o critério da divisão das terras pelo povo de Tolosa.

Fraternamente seu

Abel PAIVA

N. R. — Na carta-aberta, que gostosamente publicamos, defende-se o critério da divisão das terras pelo povo de Tolosa.

## Notas & Comentários

### Os duelistas

Os jornais — mormente os de grande informação — deram grande relvô ao duelo travado entre um aristocrata e um oficial sidonista que decidiram dirimir aparatadamente um incidente insignificante.

O duelo está bastante desacreditado. Ninguém hoje acredita na seriedade dessas desordens fétidas com um método e um ceremonial ridículos. E menos ainda se acredita que uma questão de dignidade possa ser liquidada com um golpe de sabre ou um tiro de pistola. Nesses duelos quem vence não é o mais digno, mas o mais rufião. E não compreendemos que para referir quem é o mais rufião se consuma tanto espaço nos jornais. Ainda há dias vimos dois indivíduos esbofeteando-se sem que os jornais tivessem relatado uma linha. Porque?

E extranhou essa diferença de tratamento, tanto mais que os que trocaram alguns sopapos tinham uma desculpa: estavam embriagados.

Os outros duelistas nem essa desculpa tinham.

### Iniquidade democrática

Está para breve o aniversário da proclamação da República. A nota mais saliente dessa comemoração é o grande número de bôs que se festejam.

E' uma maneira democrática de comemorar a proclamação da República: distribuir 500 gramas de toucinho e 2500 de dinheiro a cada pobre. Há, porém, uma diferença: é que o dinheiro e o toucinho não chegam senão para uma minoria do grande número daqueles que todo o ano passam fome. De maneira que os bôs aos pobres com que se vai comemorar a proclamação da República devem ser considerados como uma manifestação de iniquidade. A democracia mesmo quando distribui toucinho e cedulas aos pobres estabelece odiosos privilégios. E quem se sabe entre os que foram excluídos dos bôs não se encontram os de pê descalço e estômago vazio guardaram os bancos há quinze anos?

### Os marinheiros

Vão ser postos em liberdade os marinheiros do "Vasco da Gama" que foram ludibriados pelos chefes do movimento conservador de 19 de Julho.

E' uma reparação tardia. Além de tardia, vergonhosa. Com ela pretende o governo acalmar os republicanos que protestaram contra os julgamentos da Sala do Risco, em que os juízes se colocaram abertamente a lado dos reus.

Se essa absolvição apoteótica se não tivesse dado os marinheiros ainda continuavam presos por um delito que o almirante Macedo e Couto, que ainda se encontra em liberdade, praticou.

O governo pondo os marinheiros em liberdade não cometeu um acto de justiça. Limitou-se a praticar um acto político. Não dignificou os marinheiros. Especulou com eles. E estes certos que os marinheiros saberão compreender que a sua liberdade se deve à liberdade de que ficaram ganhando os srs. Raúl Esteves e Filomeno da Câmara — que são os verdadeiros triunfadores da hora que passa.

### A vida e as obras de Pedro Kropotkin

— Escapa-se! Detenham-no! — intentando em vão cortar-lhe o passo.

A sentinel corre em sua perseguição, seguindo de outros soldados.

O tren está em frente dêle; porém, nota que ao lado do cocheiro está um homem herculeo com um bonet militar e um revólver na mão. Vacia um segundo, mas, em seguida, reconhece nele um amigo que lhe grita:

— Subi, subi depressa!

O tren parte a galope, enquanto uma multidão de vozes ressoa atrás, gritando:

— Fazam-nos parar, detenham-nos!

O tren consegue pôr-se fora da alcance das perseguições. Entretanto, Kropotkin emerge um elegante sobretudo e um chapéu alto. Em uma barbearia da rua afasta-se da fachada. Passa com o seu amigo à ventura, e, por fim, decide ir ao melhor restaurante de São Petersburgo; em um gabinete reservado comeu tranquilamente, pensando que por toda a parte os procuradores da justiça estavam a perseguir.

«A traição organizada em sindicatos de política e negócios tolerou que durante 15 dias os oficiais republicanos fossem pendurados dentro do tribunal da Sala do Risco.

Ninguém os defendeu!

O Estado, pelos seus órgãos oficiais, demonstrou que nem a defesa pessoal dos seus servidores lhe interessa... quando entre os que atacam estão os "consórcios" de toda a ordem.

Pois bem! E' necessário que tudo mude!

Para isso se começará pela expressão da vontade popular num comício, indo-se até o povo, de salvaguardar os legítimos interesses do povo — do povo que é soberano, que é soberano de que uma mesma mão está preparando tóda esta cena de terrores.

E afinal do lado do Povo está a razão e a justiça, estes os seus direitos incontestáveis fixados por sentenças judiciais, por títulos de posse e pela lei dos baldios que feita no intuito de desenvolver a agricultura nacional não é ainda suficientemente clara a terminar para impedir que uma população possa ficar a mercê de quem sistematicamente se quer opor ao ressurgimento agrícola de uma região.

Cremos, positivamente, que V. Ex.º não deixará de fazer o que mandar fazer justiça a este povo que vive a mais pungente das misérias pela falta da terra que é sua e muito sua.

V. Ex.º é o ministro da Agricultura. Se não deseja falsear a sua missão, visto que está nesse lugar com o pretexto de defender o povo, de salvaguardar os legítimos interesses do povo — do povo que é soberano, que é soberano de que uma mesma mão está preparando tóda esta cena de terrores.

É o ministro da Agricultura. Se não deseja falsear a sua missão, visto que está nesse lugar com o pretexto de defender o povo, de salvaguardar os legítimos interesses do povo — do povo que é soberano, que é soberano de que uma mesma mão está preparando tóda esta cena de terrores.

É o ministro da Agricultura. Se não deseja falsear a sua missão, visto que está nesse lugar com o pretexto de defender o povo, de salvaguardar os legítimos interesses do povo — do povo que é soberano, que é soberano de que uma mesma mão está preparando tóda esta cena de terrores.

É o ministro da Agricultura. Se não deseja falsear a sua missão, visto que está nesse lugar com o pretexto de defender o povo, de salvaguardar os legítimos interesses do povo — do povo que é soberano, que é soberano de que uma mesma mão está preparando tóda esta cena de terrores.

É o ministro da Agricultura. Se não deseja falsear a sua missão, visto que está nesse lugar com o pretexto de defender o povo, de salvaguardar os legítimos interesses do povo — do povo que é soberano, que é soberano de que uma mesma mão está preparando tóda esta cena de terrores.

É o ministro da Agricultura. Se não deseja falsear a sua missão, visto que está nesse lugar com o pretexto de defender o povo, de salvaguardar os legítimos interesses do povo — do povo que é soberano, que é soberano de que uma mesma mão está preparando tóda esta cena de terrores.

É o ministro da Agricultura. Se não deseja falsear a sua missão, visto que está nesse lugar com o pretexto de defender o povo, de salvaguardar os legítimos interesses do povo — do povo que é soberano, que é soberano de que uma mesma mão está preparando tóda esta cena de terrores.

É o ministro da Agricultura. Se não deseja falsear a sua missão, visto que está nesse lugar com o pretexto de defender o povo, de salvaguardar os legítimos interesses do povo — do povo que é soberano, que é soberano de que uma mesma mão está preparando tóda esta cena de terrores.

É o ministro da Agricultura. Se não deseja falsear a sua missão, visto que está nesse lugar com o pretexto de defender o povo, de salvaguardar os legítimos interesses do povo — do povo que é soberano, que é soberano de que uma mesma mão está preparando tóda esta cena de terrores.

É o ministro da Agricultura. Se não deseja falsear a sua missão, visto que está nesse lugar com o pretexto de defender o povo, de salvaguardar os legítimos interesses do povo — do povo que é soberano, que é soberano de que uma mesma mão está preparando tóda esta cena de terrores.

É o ministro da Agricultura. Se não deseja falsear a sua missão, visto que está nesse lugar com o pretexto de defender o povo, de salvaguardar os legítimos interesses do povo — do povo que é soberano, que é soberano de que uma mesma mão está preparando tóda esta cena de terrores.

É o ministro da Agricultura. Se não deseja falsear a sua missão, visto que está nesse lugar com o pretexto de defender o povo, de salvaguardar os legítimos interesses do povo — do povo que é soberano, que é soberano de que uma mesma mão está preparando tóda esta cena de terrores.

É o ministro da Agricultura. Se não deseja falsear a sua missão, visto que está nesse lugar com o pretexto de defender o povo, de salvaguardar os legítimos interesses do povo — do povo que é soberano, que é soberano de que uma mesma mão está preparando tóda esta cena de terrores.

É o ministro da Agricultura. Se não deseja falsear a sua missão, visto que está nesse lugar com o pretexto de defender o povo, de salvaguardar os legítimos interesses do povo — do povo que é soberano, que é soberano de que uma mesma mão está preparando tóda esta cena de terrores

## NA PENITENCIÁRIA DE COIMBRA

Um funcionário modelar

COIMBRA, 30.—O sr. Miranda que se julga um funcionário exemplar e muito cumpridor dos seus deveres, tem sido, nem mais nem menos, um desses muitos tubarões que enxameiam as repartições públicas. Sabe-se muito bem fingir eximindo-se a responsabilidades ou elas não fizesse o curso completo de jesuíta, como educando do colégio dos padres de Sarnache!

Tem él ali 3 empregados, a quem dá o nome de serventes, para fazer os recados e mais serviços da Cadeia. Tem um que dá pelo nome de Gonçalves, a que agora arvorou em polícia, para lhe guardar as costas, levando-o para a sua quinta em Sarnache, para lhe tratar dos seus serviços particulares. Tem outro servente a quem tem o desplante de mandar para o mercado vender a criação que lhe sobra das suas despesas. Imagine-se que já faz de um seu empregado, um galinheiro—como o temos visto no mercado amarrado ao lado das galinhas e galos!

Enquanto isto se faz, quando algum prego tem encomendas na estação dos Caminhos de Ferro ou postais para levantar, quando o chegam a fazer, já tudo está estragado, tendo de pagar elevadas armazenas pela demora em a ir buscar e para círculo da roubalheira. Tem o prego que pagar um escudo, por cada encomenda que o servente tenha que ir buscar. E precisó notar que este escudo, que no fim do mês dão muitos escudos, é para distribuir pelos serventes a quem o Estado pague, e não ao empregado que se come, para estarem ali ao serviço da Cadeia e dos preços. Esta autêntica roubalheira ao desgraçado prego, é feita por ordem e por isso como o consentimento do director José Miranda—acolitado pelo verdugo Amaro Bento.

O Miranda, contra todas as leis de funcionário público superior que é, julgando-se um dêsposa e grande potentado não dá satisfações a ninguém, aos que têm poder sobre si.

O Inspector das Prisões, dr. Alberto Charula Pessanha, se não é do mesmo quilate deve ser ainda mais. Este senhor visitou a cadeia em 1924, Abril ou Maio, em virtude de acometimentos que ali se deram—a que oportunamente me hei de referir. Pois não obstante a gravidade dos casos ouviu alguns presos nas suas reclamações e por mim, em vez de punir os empregados que abusaram da sua autoridade—ainda os elogiou, em ordem de serviço. Este deve depois um ano, ainda passou, se ir ali, indo aquela cadeia em Junho p. q. quase todos os presos lhe dirigiram seus bilhetes para lhes falar, mas este apenas ouviu meia dúzia dêles—ficando os outros à espera de mais um ano, para lhe pedir provisões, visto que este, também se despediu à espanhola. Este é que nem sequer de ano a ano se quer encomendar—porque o tacho está certo!

A. R.

### Um protesto dos desempregados

NEW-YORK, 1.—Vários delegados à conferência inter-parlamentar foram atacados pelos desempregados quando visitavam o «Independence Hall».

O irlandês Mulhaj ficou sériamente maltratado e a polícia efectuou 15 prisões.

### Indústria da Construção Civil

Mais uma vez o sindicato de Lisboa e organismos federativos reclamam junto dos governos contra a crise

Com o ministro do Trabalho conferenciou ontem demoradamente uma comissão composta pelos secretários gerais dos S. U. e Construção Civil, Bólsa de Trabalho e Federação da Indústria.

A conferência versou sobre a solução a dar-se à pavorosa crise de trabalho que está conduzindo à miséria um enorme número de operários da construção civil disseminados por todo o país. A comissão apresentou ao ministro, como melhor solução da crise entre nós, a abertura imediata das obras que se encontram paralisadas na indústria particular, alegando que para tal bastaria que o governo isso fizesse os seus proprietários.

aquele senhor, que se mostrou disposto a satisfazer as indicações da Comissão, aconselhou-a no entanto, a que procedesse imediatamente a um inquérito sobre o estatuto em que as referidas obras se encontram, aos nomes dos seus proprietários, e as principais causas determinantes da sua paralisação, a fim de que o governo possa intervir o mais rapidamente possível no sentido de conseguir que as referidas obras voltem à sua normal laboração.

A Comissão comunicou ainda àquele senhor que este mal se verifica em vários pontos do país, e que desse modo, um inquérito feito como é seu desejo, se não consegue realizar tão rapidamente como era para desejar. Por tal motivo, com o que o ministro concordou, a Comissão fez-lhe sentir a necessidade de se abrirem imediatamente trabalhos públicos, pelo menos nos maiores centros do país a fim de atenuar de momento a miséria que lava os lares dos desocupados.

O ministro informou a Comissão que para obviar a esse mal ia mandar abrir as obras das Encomendas Postais e Maternidade, e tratar com o seu colega das Finanças da maneira mais viável de se conseguir um reforço de verba para as obras do novo Município, a fim de se evitar mais despeimentos de pessoal operário, e bem assim as verbas indispensáveis para mandar abrir trabalhos em alguns pontos do país.

A Comissão vai o mais rapidamente proceder ao aluado inquérito a-fim de o apresentar ao ministro do Trabalho, para que aquele senhor se possa seguirmente entender com os proprietários das obras paralisadas, no intuito de as fazer recomendar.

### Aos operários desocupados

Neste sentido, e para facilitar o trabalho da referida Comissão, se convidam todos os operários que se encontram sem colocação, e que exerceram as suas profissões nas obras que se encontram paralisadas, a reunirem-se hoje na sede central do Sindicato, pelas 11 horas, a-fim de prestarem os necessários esclarecimentos.

### Bela Khun e Rakowky presos

BUDAPEST, 1.—Foi descoberta uma vasta conspiração bolchevista, dirigida por Bela Khun e Rakowsky, os quais acabam de ser presos pela polícia.

## CONTRA UM ABUSO

OS JOVENS DA CARRIS DJ PORT  
REPUDIAM O VOTO AO QUAL A EMPRESA  
QUERE FORÇAR O PESSOAL

PORTO, 30.—Em assemblea geral reuniu-se a Secção da Carris do Núcleo da Juventude Sindicalista desta cidade.

Apreciam o facto de a empresa dos eléctricos ter intimidado todo o pessoal, com ameaças de perseguições, a recensear-se, a fim de obter votos para os candidatos da U. I. E.

Oppõe-se também das deportações ilegal e iniquamente ordenadas por um governo, e mantidas criminosamente pelos subseqüentes, aprovando uma moção com as seguintes conclusões:

1.º, Desenvolver uma activa propaganda anti-eleitoral no sentido de todos os trabalhadores da Carris não irem às urnas.

2.º, Nomear uma comissão para destruir todas as intenções dos altos potentados.

3.º, Realizar uma sessão de protesto em prol dos deportados no dia das eleições, na qual se farão representar diversos militantes operários.

4.º, Oficiar à Liga das Artes de Viação Portuense para junto dela a comissão desta secção desenvolver a propaganda anti-eleitoral.

5.º, Irradiar da juventude sindicalista todos os jovens que se prestem ao papel de eleitores.

Foi encerrada a sessão aos vivas à A. I. T. à Batalha, F. das J. Sindicalistas e ao órgão Grito da Juventude.

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—



# A BATALHA

A Federação da Indústria Vinícola proclamou a boicotagem ao vasilhame de retorno a principiar do próximo domingo.

## Os escândalos da "Voz do Operário" voltam a provocar agitadas assembleas

Os casos relatados nos últimos números deste jornal e ocorridos na sede desta vila e fábrica, fizeram com que comparecesssem na assemblea antecentim realizada, um número desusado de sócios, na sua grande maioria os denominados auxiliares, que são de facto a maioria absoluta dos sócios da colectividade e por quem a mesma é mantida, a fim de tornarem um melhor conhecimento dos casos relatados e os apreciarem e julgarem. Uma vez mais e logo ao entrar no edifício se verificou a mal-idade e o jesuítismo de que são cíados os que dirigem e administraram a colectividade, tendo destinado para a assemblea reunir, uma sala muito mais pequena de que aquela onde ultimamente se tem reunido, isto até com extranheza do próprio presidente da assemblea, segundo a sua própria confissão, que dessa resolução da C. A. só tomou também conhecimento ao penetrar no edifício, tal qual os restantes associados. Extrahemos igualmente esta atitude do presidente da assemblea em se curvar perante tudo que lhe impõem os restantes membros dos corpos gerentes, sem que o seu protesto se faça ouvir por não o reconhecerem como tal, a não ser que também esteja a jogar — como é de uso dizer-se com um pau de dois bicos. Deixemos de parte e para outra ocasião que temos mais espaço as considerações que tinhamos a fazer e relatemos o que se passou na referida assemblea.

Como acima dizemos a sala não só por ser pequena como ainda por ser elevado o número de sócios presentes, deu margem a que a mesma se encontrasse completamente cheia, estando a coxia e o corredor coabitados de sócios que de pé e comprimidos uns contra os outros queriam assistir ao desenrolar de mais uma infâmia praticada pelos dirigentes da Sociedade, desta vez atingindo os empregados.

Aberta que foi a sessão e depois da leitura de actas de anteriores sessões que foram aprovadas, imediatamente e como que tocados por uma mola eléctrica vários sócios se inscreveram com o mesmo pensamento a fim de protestarem contra a continuação da assemblea naquela pequenina sala. José de Almeida que é o primeiro a usar da palavra para interrogar a mesa, protesta contra o facto acima citado observando que a assemblea não poderá continuar a funcionar na referida sala. A maioria dos associados presentes, segundo o protesto do orador a cujos protestos se juntam também os da maioria dos sócios efectivos e resolvem ainda sem que o presidente tivesse resolvido o caso, abandonar a sala e dirigirem-se para a outra onde se tem reabilitado as assembleias anteriores.

Nesta altura o presidente resolviu dar ordem aos continuos para prepararem a outra sala no que são auxiliados por muitos sócios.

Terminada que foi esta primeira "etapa", Júlio Luís, em questão prévia, deseja que o presidente o informe se o contrário da ordem dos trabalhos anunciada, recebeu qualquer comunicação da C. A. sobre uns casos ultimamente alli ocorridos que julga de necessidade e de útil e proveitoso para a Sociedade a sua discussão.

A resposta negativa do presidente, o mesmo associado manifesta o desejo acima exposto, pelo que a assemblea aprova a referida questão prévia.

Francisco dos Reis ocupa-se do assunto em primeiro lugar e relata o que sabe do passado na sede da colectividade por informações que colheu e que dizem respeito ao empregado suspenso vítima da ignorância, boçalidade e estupidez de alguns dos membros da C. A. da referida colectividade e ainda da solidariedade prestada por

As violências fascistas incidem actualmente sobre a franco-maçonaria

Os jornais italianos trazem bastantes delações sobre os incidentes violentos que se têm dado ultimamente, em consequência da ofensiva fascista contra franco-maçonaria. Estes incidentes produziram-se especialmente em Florença e não serão mais recorridos os factos.

Um professor chamado Berti, foi gravemente ferido no Café Moderno, na ocasião em que um grupo de jovens fascistas se precipitaram sobre o director dum estabelecimento industrial e o espancavam brutalmente.

Houve um episódio da mesma natureza na praça do Dôme: um grupo de "camisas negras" afiraram-se a um ex-fascista, o qual teve que ser transportado em seguida para um hospital. Um ex-tenente da milícia por pouco que não teve a mesma sorte.

Em frente da Piazza Vechio, um grupo de fascistas provocou os empregados que eram suspeitos de pertencer à franco-maçonaria, tendo ficado três empregados feridos.

Na via Porta Rossa, um indivíduo que passava foi agredido à paulada, bem como um comerciante e um professor, também porque eram suspeitos de pertencer à franco-maçonaria.

Há inúmeros factos como estes, e há muitas pessoas hospitalizadas.

Mas a imprensa fascista ainda não se considera satisfeita e reclama do governo medidas extremas contra o Grande Oriente.

O Impero, por exemplo, pede: que o Senado sancione definitivamente as leis restritivas das sociedades secretas; que sejam enviadas ordens de prisão contra os chefes da maçonaria (que o jornal acusa de alta tração e de vendidos acionistas); que a polícia ocupe todos os locais maçônicos; que se recuse passaportes aos franco-maçons; que todos os empregados que pertençam ao Grande Oriente sejam irradiados das administrações sem indemnização alguma.

Pelo visto, presentemente, toda a actividade fascista parece incidir sobre a franco-maçonaria, cujos elementos, no entanto, tinham proclamado a sua neutralidade há cerca de três anos.

Grupo os Perseverantes

Reúne hoje, pelas 21 horas, para deliberar definitivamente sobre o assunto em discussão.

## Informações sociais

(Da Repartição Internacional do Trabalho, da Sociedade das Nações)

### A Internacional do Funcionalismo

Realizou-se o primeiro conselho da Federação Internacional dos Funcionários, sob a presidência do alemão Falkenberg, do austriaco Tanck e de Noordhoff. Neste congresso estiveram representadas as organizações da Alemanha, Áustria, França, Inglaterra, Holanda, Países Baixos, Romênia, Suécia e Tchecoslováquia, estando representada a Repartição Internacional do Trabalho.

Depois do discurso inaugural dos trabalhos pronunciado pelo secretário geral da Federação dos Sindicatos de Funcionários da França, houve grande discussão sobre os fins e deveres da Internacional dos Funcionários. No projecto do Estatuto estavam consignados da seguinte forma:

"A Internacional dos funcionários tem por objectivo proteger os interesses económicos, sociais e legais dos membros da Internacional", a qual tem os seguintes deveres: "1.º desenvolvimento das relações entre o funcionalismo de todos os países, pela publicação de um periódico, e pela elaboração e publicação de documentos estatísticos e profissionais, pela solidariedade internacional mediante a organização de congressos de todas as Unões filiadas, e a participação em manifestações comuns nacionais e internacionais dos sindicatos organizados internacionalmente, pela ajuda na criação de Federações nos países onde não existam e a participação na propaganda dos países onde a organização seja insuficiente. 2.º assistência mutua entre as organizações filiadas comprometidas em conflitos sindicais. 3.º realização e apoio a todo o movimento sindical empreendido com o fim de fazer desaparecer os conflitos internacionais e principalmente impedir a guerra".

Pelo delegado britânico foi dito que convinha conceder maior importância ao aspecto económico e legal que ao ponto de vista social e político. Por conseguinte era preciso determinar se o organismo é de combate para atender fins sociais, ou corporativo destinado a melhorar a situação dos trabalhos.

Notaram os delegados alemães e austriacos que por vezes é impossível desinteressar-se das questões políticas. Por exemplo a redução do número de funcionários que se tem verificado em alguns países da Europa está integrada na questão política. Sem dúvida, deve entender-se que a Internacional dos Funcionários deve fazer não política partidária mas sim política económica e sindical.

Continuando a leitura do *libelo* e depois de terminado o incidente, continua-se a ouvir lér uma série interminável de acusações com o único fim de prejudicar e inutilizar o empregado atingido, extranhanhando a maioria da assemblea que alguns operários dos tabacos se esqueçam da solidariedade que é necessário presar a todas as criaturas que da mesma necessitam, como já necessitaram em ocasiões que lutaram contra os directores de fábricas e contra a Companhia.

A seguir, e fartos de ouvir tanta infâmia e falsidade, falam os empregados Nascimento e Januário, suspensos pela comissão administrativa por prestarem a solidariedade ao empregado atingido, os quais em rasgos eloquentes desmascararam afirmações de alguns membros da referida comissão e do respectivo processo acusatório. As suas declarações obrigam um membro da comissão administrativa a pronunciar-se por ter sido chamada a sua atenção. Este, que se chama Bernardo Praça — mas que Praça — começa por ler um documento enviado pelo chefe do escritório à comissão administrativa, no qual coloca mal o empregado atingido, convidando a mesma comissão a tomar deliberações sobre o empregado, mas aconselhando-a a só fazer depois da assemblea para que o Xamuel não sofresse algum vexame. Levanta-se nova agitação devido aos jesuíticos e baixos processos do guarda-livros, em que é usurado e veseiro, pois bastaria saber-se que só depois da sua entrada na Sociedade é que aumentou a siania entre o pessoal.

A restante parte da assemblea é preenchida por uma grande baixa funda em consequência do que acima se relata, sendo a sessão encerrada à meia-noite.

## Assistência Infantil

As crianças pobres da Freguesia das Mercês reúnem-se hoje num jantar de confraternização

Sendo hoje o último dia em que as crianças pobres da Freguesia das Mercês vão a colónia balnear dr. António José de Almeida, resolveu aquela Junta fornecer-lhes, às 14,30 horas, um jantar na Cosmopolitan, da rua de São Bento, gentilmente cedida pelo administrador geral das Cosmopolitanas, dr. sr. Calado Rodrigues.

A sala onde se reúnem as crianças numa simpática festa de confraternização, será vistosamente ornamentada com bandeiras e festões de verdura e flores, abrillantando o acto a banda do Batalhão de Caminhos de Ferro, sob a regência do maestro sr. Henrique Lopes.

## Suplemento semanal ilustrado de "A Batalha"

Encontra-se já à venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa óptima capa em percalha ilustrada a cores, por Alonso, contendo um indispensável índice dos variadíssimos assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é: 1 volume com 420 páginas, 4500.

Encadernação (por capas e índice), 2000.

Capas e índice em separado, 1500.

Pedidos de colecções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

## Quedas desastrosas

No posto da Cruz Vermelha do Calvário foi pensado seguindo depois para casa, Juílio Sousa, de 25 anos, marítimo, residente em Póvoa de Brandão e que, ao aparecer-se de um carro eléctrico, na rua 24 de Julho, caiu, ficando ferido na cabeça e contuso nas costas.

À enfermaria de São João Baptista do Hospital de Arroios, recolheu António da Fonte, de 20 anos, natural de Penela, desarrador, residente no Beco do Loureiro, 16, rez do chão e que caiu em Almada, fracturando uma perna.

Grupo os Perseverantes

Reúne hoje, pelas 21 horas, para deliberar definitivamente sobre o assunto em discussão.

## HORARIO DE TRABALHO

### Um industrial explorador

ALDEGALEGA, 1. — O industrial corticeiro desta localidade, Manuel Afonso, entendeu que devia fazer concorrência ao parlamento legislando a seu belo talante.

O que supõe ter feito o improvisado legislador de Aldegalecta? Nem mais, nem menos do que revogar a lei do horário de trabalho, crevendo um mamarracho dividido em 12 artigos, por meio dos quais as 8 horas de trabalho eram suprimidas e ainda por cima o pessoal da sua fábrica passava a pagar as demoras das fragatas e as retengens de vagões, criando para isso uma percentagem da sua invenção.

O Sindicato dos Corticeiros fez reunião a classe que repeliu a atitude do improvisado legislador e nomeou uma comissão para se avisar com él.

O industrial, porém, replicou que quem mandava era él e que se o pessoal não aceitava as condições que ele proponha que se considerasse despedido. Os operários abandonaram a seguir a sua fábrica, conseguindo o industrial arranjar dez operários que tristemente se prestaram a trair os seus camadas.

A comissão foi então ter com o delegado do governo, reclamando-lhe o cumprimento da lei. O delegado do governo foi, com a comissão, ter com o industrial Manuel Afonso ordenando-lhe que cumprisse o estatuto na lei, despedindo os dez homens que tinha ao serviço e readmitindo o seu antigo pessoal. E a questão arrumou-se.

O procedimento desta autoridade contrasta singularmente com o daquelas que por esse país fora, se põem descardadamente ao lado dos patrões que traem a sua fábrica, conseguindo que hoje mais do que nunca se impõe a organização do sindicato dos operários da Casa da Moeda.

Francisco Viana, que casualmente se encontra presente, convidado pela mesa para dizer qualquer coisa na reunião, encarou a necessidade e utilidade da organização do sindicato do pessoal da Casa da Moeda para a conquista dum maior bem-estar.

José M. Germano, que se segue no uso da palavra, faz também várias considerações sobre a necessidade de nomear nova comissão.

Depois de José da Silva fazer algumas considerações sobre a organização do sindicato do pessoal da Casa da Moeda, foi com a deputada Martins presente uma proposta para que se nomeasse a nova comissão de melhoramentos, altravando Jaime Tiago para que também se nomeasse uma comissão para tratar da reorganização do sindicato.

Joaquim Pereira apresenta um documento

concretizando a maneira de viver do orador antecedente, que foi aprovado por unanimidade, sendo em seguida nomeada a comissão de melhoramentos que ficou constituída por Artur Cardoso, António Martins, José S. Afonso, José M. Germano, José Augusto Silva, Eduardo Martins e António das Neves. Para a comissão reorganizadora do sindicato foram nomeados Jaime Tiago, José Ramos da Silva, João Alves Mariano, António Alvaro Gentil e Joaquim José Pereira.

Antes de encerrada a sessão o presidente fez um pequeno discurso congratulando-se com os resultados da reunião e esperando que deles advinham os maiores benefícios para o pessoal daquela comissão.

A impressão que ficou ao pessoal da efémera comissão é de que a reunião foi resolvida.

Antes de encerrada a sessão o presidente fez um pequeno discurso congratulando-se com os resultados da reunião e esperando que deles advinham os maiores benefícios para o pessoal daquela comissão.

Finalmente foi resolvido entrevistar mais uma vez amanhã às 13 horas, o ministro das Finanças sobre a questão pendente da obra torna-viagem, e a convocar a reunião do Conselho para a próxima terça-feira.

Federação da Construção Civil.

Reunião antecentim o Conselho Federal, tendo sido apreciados ofícios de vários Sindicatos e resolvido dar andamento aos assuntos que os mesmos trataram. Foi nomeado um delegado para uma sessão a reunião no próximo domingo.

Reunião hoje às 21 horas, o Comité Confederal que cessa o seu mandato juntamente com o Conselho Federal (secretariado e comissão administrativa) eleitos no congresso para tomar posse.

COMUNICAÇÕES

Federação da Construção Civil.

Reunião antecentim o Conselho Federal, tendo sido apreciados ofícios de vários Sindicatos e resolvido dar andamento aos assuntos que os mesmos trataram. Foi nomeado um delegado para uma sessão a reunião no próximo domingo.

Reunião hoje às 21 horas, o Comité Confederal que cessa o seu mandato juntamente com o Conselho Federal (secretariado e comissão administrativa) eleitos no congresso para tomar posse.

Reunião hoje às 21 horas, o Comité Confederal que cessa o seu mandato juntamente com o Conselho Federal (secretariado e comissão administrativa) eleitos no congresso para tomar posse.

Reunião hoje às 21 horas, o Comité Confederal que cessa o seu mandato juntamente com o Conselho Federal (secretariado e comissão administrativa) eleitos no congresso para tomar posse.

Reunião hoje às 21 horas, o Comité Confederal que cessa o seu mandato juntamente com o Conselho Federal (secretariado e comissão administrativa) eleitos no congresso para tomar posse.

Reunião hoje às 21 horas, o Comité Confederal que cessa o seu mandato juntamente com o Conselho Federal (secretariado e comissão administrativa) eleitos no congresso para tomar posse.

Reunião hoje às 21 horas, o Comité Confederal que cessa o seu mandato juntamente com o Conselho Federal (secretariado e comissão administrativa) eleitos no congresso para tomar posse.

Reunião hoje às 21 horas, o Comité Confederal que cessa o seu mandato juntamente com o Conselho Federal (secretariado e comissão administrativa) eleitos no congresso para tomar posse.

Reunião hoje às 21 horas, o Comité Confederal que cessa o seu mandato juntamente com o Conselho Federal (secretariado e comissão administrativa) eleitos no congresso para tomar posse.

Reunião hoje às 21 horas, o Comité Confederal que cessa o seu mandato juntamente com o Conselho Federal (secretariado e comissão administrativa) eleitos no congresso para tomar posse.

Reunião hoje às 21 horas, o Comité Confederal que cessa o seu mandato juntamente com o Conselho Federal (secretariado e comissão administrativa) eleitos no congresso para tomar posse.

Reunião hoje às 21 horas, o Comité Confederal que cessa o seu mandato juntamente com o Conselho Federal (secretariado e comissão administrativa) eleitos no congresso para tomar posse.

Reunião hoje às 21 horas, o Comité Confederal que cessa o seu mandato juntamente com o Conselho Federal (secretariado e comissão administrativa) eleitos no congresso para tomar posse.

Reunião hoje às 21 horas, o Comité Confederal que cessa o seu mandato juntamente com o Conselho Federal (secretariado e comissão administrativa) eleitos no congresso para tomar posse.

Reunião hoje às 21 horas, o Comité Confederal que cessa o seu mandato juntamente com o Conselho Federal (secretariado e comissão administrativa) eleitos